

GESTÃO PEDAGÓGICA DE CURSOS EM EAD ONLINE

05/2005

Adriana Clementino

SITE Educacional

adriana@siteeducacional.com.br / adri.clementino@uol.com.br

Categoria: C

Setor Educacional: 5

Natureza do Trabalho: C

041-TC-C5

RESUMO

O crescimento da Educação a Distância (EAD) online nos últimos anos e os constantes investimentos das instituições educacionais e corporativas em ter seus cursos oferecidos também nesta modalidade, fazem circular várias informações a respeito da estrutura de um curso online: fala-se de equipe multidisciplinar para a criação de tal curso; fala-se de novas profissões criadas para atender às especificidades do ambiente digital e virtual como, por exemplo, instrucional designer e editor de e-learning; das diferenças entre a sala de aula presencial e a aula no mundo virtual; do desenvolvimento e avaliação dos diversos ambientes virtuais de aprendizagem e suas ferramentas; fala-se de interatividade; de aprendizagem cooperativa-colaborativa; de comunicação, entre outras coisas. Mas como gerir um curso na modalidade EAD online? Quais são as principais preocupações do coordenador pedagógico para colocar um curso em funcionamento de forma a garantir a boa qualidade do mesmo?

É a perspectiva da coordenação pedagógica de cursos online que este artigo se propõe a apresentar, partindo das vivências e experiências da autora como professora e coordenadora de alguns dos cursos online, com abordagem cooperativa-colaborativa, oferecidos pela empresa SITE Educacional - empresa incubada no CIETEC/IPEN/USP, especializada em soluções pedagógicas para o desenvolvimento de atividades de ensino online.

Palavras-chave: gestão pedagógica para EAD online; cursos online; Educação a Distância online

Introdução

O crescimento da Educação a Distância (EAD) *online* nos últimos anos e os constantes investimentos das instituições educacionais e corporativas em ter seus cursos oferecidos também nesta modalidade, fazem circular várias informações a respeito da estrutura de um curso *online*: fala-se de equipe multidisciplinar para a criação de tal curso; fala-se de novas profissões criadas para atender às especificidades do ambiente digital e virtual como, por exemplo, instrucional *designer* e editor de *e-learning*; das diferenças entre a sala de aula presencial e a aula no mundo virtual; do desenvolvimento e avaliação dos diversos ambientes virtuais de aprendizagem e suas ferramentas; fala-se de interatividade; de aprendizagem cooperativa-colaborativa; de comunicação, entre outras coisas. Mas como gerir um curso na modalidade EAD *online*? Quais são as principais preocupações do coordenador pedagógico para colocar um curso em funcionamento de forma a garantir a boa qualidade do mesmo?

A gestão de um curso *online* tem início no momento em que é decidida a sua existência. A partir daí começa-se a pensar em tudo o que é necessário para que o curso saia do papel: professor; tutor; ambiente virtual de aprendizagem; materiais a serem disponibilizados aos alunos; tipo de curso; tipo de interação que irá existir entre professor/alunos, professor/tutor, tutor/alunos e alunos/alunos; o tipo de comunicação usada nos materiais; atividades; avaliações; trabalho do instrucional designer; fluência digital tanto dos alunos como do professor, didática *online*, etc.

É bem verdade que não é papel do coordenador pedagógico criar material para o curso ou elaborar as atividades, nem tão pouco as avaliações. Existe uma equipe de profissionais que é envolvida no projeto. Nesta equipe cada um tem responsabilidade sobre uma determinada parte no desenvolvimento do curso, sem, entretanto, perder de vista a necessidade de comunicação constante entre todas as partes para que no final do processo tenha-se em mãos um curso de qualidade.

É a perspectiva da coordenação pedagógica de cursos *online* que este artigo se propõe a apresentar, partindo das vivências e experiências da autora como professora e coordenadora de alguns dos cursos *online*, com abordagem cooperativa-colaborativa, oferecidos pela empresa SITE Educacional¹.

A Preocupação Pedagógica

A modalidade “a distância”, pode ser uma opção educacional que responde às necessidades de inclusão social e democratização do acesso ao ensino, objetivos prioritários das políticas educacionais brasileiras, desde que seja feita com o mesmo caráter de qualidade e rigor acadêmico que se espera dos modelos presenciais de ensino, sobretudo nos cursos destinados a formação de adultos escolarizados, sejam eles de graduação ou de pós-graduação, em suas mais diferenciadas formas.

Um dos motivos para que ocorram deficiências no oferecimento de cursos a distância *online*, está no fato de que as especificidades dessas formas diferentes e inovadoras de se fazer educação exige profissionais capacitados. Profissionais que saibam não apenas lidar com as tecnologias, mas que tenham formação expressiva em Educação. Profissionais com essa dupla exigência de capacitação e experiência ainda são raros. A maioria, autodidata. Pela forma como as próprias políticas educacionais privilegiam a introdução

das tecnologias digitais nos sistemas educacionais, a formação “tecnológica” se sobrepõe à formação pedagógica dos pretensos novos profissionais em EAD. Resultado: a condução e desenvolvimento de cursos *online* tornou-se tarefa mais pertinente dos “tecnólogos” do que dos educadores, o que justifica uma boa parte dos problemas que são relatados em experiências frustradas e na reação de desânimo e desencanto com que muitos alunos que, superando os preconceitos, buscam a modalidade, e se vêem diante de cursos didaticamente mal organizados e mal conduzidos.

A realidade é que esse grande crescimento da EAD *online* no Brasil, orientou o caminho para que alguns profissionais assumissem atividades de planejamento e docência em cursos oferecidos via internet sem nenhum preparo para as evidentes diferenças entre as aulas presenciais e as virtuais. Cursos que estavam estruturados, montados e totalmente planejados para serem desenvolvidos nas salas de aulas presenciais, foram transformados em cursos *online*... sem os cuidados pedagógicos específicos que essas novas mídias exigem.

O resultado disto é que o paradigma da pedagogia da transmissão prevalece na maioria dos cursos *online* oferecidos hoje em dia, conforme Silva relata:

“esse paradigma milenar em educação sedimentou a estratégia da distribuição de ‘conhecimento’ como princípio de aprendizagem. Sua pregnância alastrou-se tão intensamente também em educação *online*, a ponto de subutilizar a disposição à interatividade próprio do fundamento digital. Muitos ambientes virtuais de aprendizagem continuam centrados na transmissão de dados, desprovidos de mecanismos que favoreçam a criação coletiva, a aprendizagem construída. No curso *online* a tela do computador ainda é semelhante à tela da televisão, a que a gente assiste e não interage. (2003, p. 51)

O oferecimento de educação a distância pela internet exige uma reconfiguração total da ação do docente e da adequação das atividades de ensino às condições oferecidas pelo tipo de mídia utilizada para acesso, interação, comunicação a distância entre todos os envolvidos no processo. Novas competências que ensejam o aparecimento de novas profissões (como as de instrucional *designer*, editor de *e-learning* e tutor/monitor, por exemplo), a reestruturação de outras já existentes (como as de professor, coordenador pedagógico, etc) e a mudança no papel dos próprios alunos para se adequarem à realidade do mundo virtual, ou melhor, à realidade do ensino no mundo virtual, são exigidas desses novos profissionais do ensino: comunicabilidade, criatividade, familiaridade com as tecnologias de informação e comunicação, “prática reflexiva, profissionalização, trabalho em equipe e por projetos, autonomia e responsabilidade crescentes, pedagogias diferenciadas, centralização sobre os dispositivos e sobre as situações de aprendizagem, sensibilidade à relação com o saber e com a lei delineiam um *roteiro para um novo ofício*” (Perrenoud apud Meirieu, 2000, p.11). Muitas dessas competências, habilidades, atitudes e valores - que as salas de aulas presenciais às vezes não necessitam - são requisitos básicos para aqueles que querem trabalhar no ambiente *online*.

Como disse Kenski, “a ação docente mediada pelas tecnologias digitais requer uma outra maneira de fazer educação (...) a experimentação de novas possibilidades de recombinação, a interatividade e a freqüente conectividade

são algumas das características que vão permear essas novas estratégias de ensino centradas no ambiente digital” (2001, p.81-82).

É necessário que os profissionais dispostos a trabalhar com Educação a Distância *online*, tenham uma formação que priorize o conhecimento expressivo em Educação e uma “apropriação crítica das tecnologias da informação e da comunicação, de modo a instaurar as diferenças qualitativas nas práticas pedagógicas (...) o que está em jogo é a apropriação das tecnologias para muito além do acesso limitado à condição de consumidor” (Barreto, 2003, p. 284).

A Equipe:

Uma vez explicitada a importância do aspecto pedagógico que deve permear todo e qualquer projeto de curso em EAD *online*, é imprescindível apresentar a equipe de desenvolvimento e realização do curso destacando características, responsabilidades, funções, etc que considero caber a cada um desses profissionais.

1. Professor e Tutor

Qual a diferença entre o professor e o tutor?

De uma forma simplificada - porque não é o objetivo deste trabalho esmiuçar o papel do professor e do tutor - podemos dizer que o papel do professor de um curso *online* em quase nada diferente do papel do professor presencial. Ele continua sendo a pessoa responsável pela seleção do conteúdo a ser apresentado no curso; pela divisão deste conteúdo em aulas, módulos e/ou tópicos; pela elaboração de atividades; pela definição de tipos de avaliações e quando e como elas acontecerão, enfim, o professor continua tendo as mesmas responsabilidades que sempre teve, além, claro, de ter que ser capacitado a trabalhar didaticamente com EAD *online* e apresentar domínio do ambiente no qual irá desenvolver seu trabalho.

Já o tutor, pode-se dizer que é um auxiliar do professor quando trabalham juntos num curso. Ele fica responsável por determinadas tarefas que não exigem tanto conhecimento do conteúdo como, por exemplo, responder aos *e-mails* com dúvidas sobre o ambiente do curso ou verificar constantemente se os alunos estão acessando e participando ativamente do curso e, caso seja necessário, entrar em contato com os ausentes. O fato de desempenhar um papel mais restrito que o professor em termos de participação no curso, não o isenta, no entanto, de estar a par de toda a estrutura criada. Ele deve conhecer e ter domínio sobre o tema discutido, deve saber quais são as atividades propostas e seus objetivos educacionais, deve conhecer o perfil dos alunos, enfim, o tutor é o profissional com quem o professor divide a realização do curso e, portanto, suas responsabilidades, e também é ele quem dará continuidade ao curso, se por algum motivo o professor estiver impossibilitado de fazê-lo.

Todo curso precisa de um professor e um tutor? A resposta é não. Esta decisão esta relacionada a três situações: 1- a fluência digital que o professor possui; 2- o número excessivo de alunos matriculados e; 3- a disponibilidade de tempo do professor em realizar e acompanhar o curso.

Se o professor não possui familiaridade com o computador e suas respectivas ferramentas (*softwares* e periféricos) e não passou por nenhum curso de capacitação de professor para EAD *online*, mas tem disponibilidade de tempo e vontade de aprender a lidar com o mundo digital e virtual, então é

preciso preparar uma boa capacitação pedagógica e tecnológica que garanta a interação desejável com o corpo discente do curso e a interatividade satisfatória deste profissional com o computador.

Caso o professor não tenha sido capacitado na pedagogia *online*, não possua fluência tecnológica satisfatória e não esteja disposto a aprendê-la ou aperfeiçoá-la; ou tenha capacitação e fluência, mas não tenha disponibilidade de tempo para acompanhar o andamento do curso; ou ainda que ele tenha capacitação, fluência e disponibilidade, mas o número de alunos matriculados seja excessivo, nestas três situações a presença do tutor no curso é indispensável.

Uma vez decidida a existência, ou não, do tutor, é aconselhável que tanto o professor quanto o tutor já tenham vivenciado alguma experiência como alunos de um curso *online*. O fato de possuírem tal experiência faz com que saiam do campo da especulação teórica e passem a ter uma visão real do que é um curso realizado via internet, de como o curso se desenvolve, quais são as possibilidades de atuação e interação do professor e do tutor, e, claro, passam a ter parâmetros do que é bom e positivo e daquilo que não funciona ou que pode ser melhorado para obter resultados mais satisfatórios no processo de ensino-aprendizagem.

O tempo de dedicação - por parte do professor e/ou tutor - necessário para acompanhar um curso *online* também é um fator determinante na qualidade do mesmo. Este tempo normalmente é bem diferente daquele das salas de aulas presenciais. No ambiente virtual é preciso que pelo menos uma vez ao dia o professor e/ou o tutor acessem o curso e vejam o que está acontecendo em termos de participação dos alunos. É aconselhável que uma pergunta dirigida por um aluno ao professor ou ao tutor seja respondida, no máximo, em 24 horas. Caso contrário o aluno pode sentir-se desmotivado a fazer novas perguntas e, ao sentir-se “abandonado” deixa de participar das discussões e atividades propostas.

Segundo Paloff (1999) “o tempo dedicado com turmas *online* está relacionado com um número de variáveis como o número de estudantes matriculados na turma, o grau de conforto no uso da tecnologia de ambas as partes: professores e alunos, o ‘*encouraging*’ de dificuldades técnicas, e os tipos de atividades nas quais os estudantes vão estar envolvidos” (p.50).

Em contrapartida às perguntas direcionadas ao professor ou ao tutor, que devem ser respondidas quase que prontamente, as discussões que acontecem nos fóruns devem ter um caráter provocativo por parte do professor ou tutor, sem, no entanto, estes se preocuparem em ter que comentar cada nova participação dos alunos. Os alunos têm que se sentir motivados e instigados a participar da discussão colocada. Os comentários e contribuições devem seguir o ritmo de uma conversa aonde cada um vai colocando sua opinião, sua vivência prática ou de leitura, concordando ou discordando dos outros colegas, mas sempre deixando espaço para uma nova contribuição, para a continuidade da conversa. O papel do professor neste caso é o de “gerenciar” a discussão, ou seja, fazer um comentário para corrigir uma informação errada, reconduzir ao tema proposto quando o assunto for desviado, dar novas sugestões, fazer novas provocações, etc. O que deve ser evitado por parte do professor ou tutor, é dar respostas conclusivas. Caso isto aconteça, não se espante se a discussão não tiver continuidade, pois, ainda hoje, a palavra do professor (e, principalmente, dependendo de como ele se

posiciona na resposta) é aquela que contém a verdade e, portanto, é tida como certa e inquestionável.

O bom professor e o bom tutor, “devem ter claro que o sentido didático de cada uma dessas intervenções é diferente, e que as intervenções têm que levar em consideração três dimensões de análise: tempo, oportunidade e risco”². O tempo diz respeito à agilidade de resposta ao aluno. A oportunidade está relacionada a uma explicação detalhada, elaborada com tempo, calma e atenção, a um determinado tema ou dúvida levantada. E o risco é o de evasão dos alunos do curso, caso os dois itens anteriores sejam mal administrados.

Ressalto que todos os parâmetros citados nos parágrafos acima como ideal de atuação do professor e/ou tutor, foram adotados pela empresa SITE Educacional baseados, principalmente, nas experiências e pesquisas realizadas pela diretora proprietária Prof^a Dr^a Vani Moreira Kenski.

2. *Designer* Instrucional

O *designer* instrucional (DI) é a pessoa responsável por dar o tratamento pedagógico-tecnológico ao conteúdo selecionado pelo professor a ser apresentado no curso *online*. Em outras palavras “o *designer* instrucional é aquele responsável por planejar, desenvolver e aplicar métodos, técnicas e atividades de ensino a fim de facilitar a aprendizagem” (Filatro, 2004. p.135).

Na equipe de desenvolvimento de um curso *online*, o DI, é um dos profissionais que necessita de competências mais abrangentes, uma vez que uma das principais características do seu trabalho é fazer casar os conceitos e teorias educacionais com a utilização das tecnologias da melhor maneira possível visando promover a aprendizagem. Como afirma Gómez, o *designer* instrucional

“[...] indica um profissional com a emergência da internet [...] um profissional genérico e especializado na área do planejamento educativo, [que] utiliza o diálogo como princípio organizador a partir do qual vai desenvolvendo sua arte de criar condições para os encontros educativos [...] Trata-se de uma profissão constituída no entrecruzamento da educação, da arte, da tecnologia e do *marketing*” (Filatro apud Gómez, 2004, p.140).

Assim como todos os profissionais que compõem a equipe de desenvolvimento de um curso *online*, o *designer* instrucional também tem que estar a par de todo o processo de criação do curso, além de manter contato constante com o professor, o tutor, o coordenador pedagógico e o suporte técnico. Nenhum dos profissionais da equipe do curso deve trabalhar isoladamente. Quando a equipe é coesa nas atitudes, decisões, forma de pensar e agir a estrutura do curso mostra isto na fluidez com que ele vai se desenrolando.

“Além de ser capaz de participar de equipes multidisciplinares, o *designer* instrucional precisa, ele próprio, ter uma orientação transdisciplinar que lhe permita fazer a ponte entre os especialistas de diversas áreas, para atingir a finalidade principal, que é promover a melhor instrução e a aprendizagem mais significativa.” (Filatro, 2004, p.140-1).

Ainda segundo Filatro (ibidem), as áreas de conhecimento que influenciam diretamente o trabalho do DI são a Educação, a Comunicação, a Gestão e área de Tecnologia e, é entre elas, principalmente, que este profissional necessita transitar com naturalidade para desenvolver um bom

trabalho de interação com a equipe que resultará na apresentação de um curso de qualidade.

3. Coordenador Pedagógico

Mais do que qualquer outro profissional da equipe de criação e desenvolvimento de um curso em EAD *online*, o coordenador pedagógico deve ter uma formação que privilegia os conhecimentos da área da Educação e possuir competências e habilidades para explorar as tecnologias disponíveis para a realização de cursos via internet.

Assim como o professor e o tutor, o coordenador de um curso *online* tem que ter vivenciado, pelo menos uma experiência como aluno de um curso nestes moldes. Baseando-se apenas na experiência que possui na coordenação e/ou docência de cursos presenciais, é grande a probabilidade que incorra em erros básicos com relação à atuação do professor e/ou tutor; na escolha do tipo de curso (tele ou videoconferência, CBT³, WBT⁴, com AVA⁵ com pouca ou muita interação, com abordagem cooperativa, etc) que será criado; no acompanhamento do trabalho do *designer* instrucional; na avaliação dos materiais, atividades e avaliações elaboradas e desenvolvidas para o curso; no tipo de comunicação a ser estabelecida entre os participantes e o professor e/ou tutor, enfim, como já dito antes, ter vivido tudo isto como aluno dá uma visão diferenciada para aqueles que querem atuar no mundo da EAD *online*.

Com o curso em andamento, a função do coordenador é acompanhar o desenrolar das aulas verificando sempre a atuação do professor e/ou tutor; a aceitação dos alunos com relação ao material, conteúdo, nível de interação; o funcionamento do ambiente virtual; etc.. Apesar disto, não acredito na função do coordenador pedagógico como um controlador no sentido estreito da palavra, mas sim como uma pessoa mais experiente que está sempre presente e cujo objetivo maior é fazer com que o curso oferecido apresente a melhor qualidade possível, preocupando-se sempre com o nível de aprendizado dos alunos. Assim, no decorrer do curso, é necessário que a interação entre coordenador e professor e/ou tutor seja constante.

De acordo com o andamento do curso e *feedback* dos alunos, sempre que necessário, o coordenador deve reunir a equipe para redirecionar e reavaliar posturas, materiais, ou realizar quaisquer outros ajustes que se mostrem necessários. É possível realizar melhoras e adaptações com o curso ainda em andamento, deixar para fazer correções apenas na próxima versão a ser oferecida pode não ser a melhor opção, pois até lá o ruído provocado pela falhas pode ter sido grande e prejudicado a imagem e credibilidade do curso e, talvez até, da instituição.

4. Suporte Técnico

A pessoa responsável pelo suporte técnico, apesar de não ter atuação direta no curso, deve estar sempre atenta ao que está acontecendo para garantir que o curso não seja prejudicado por problemas como, por exemplo, falhas na conexão com a internet, servidor fora do ar, etc.

O servidor é o computador onde todo o curso ficará armazenado, ou seja, o lugar físico onde o curso existe. Nele estará instalado o *software* do curso e todo o material correspondente a cada uma das aulas, desde os textos, apresentações, etc disponibilizados pelo professor até o registro de todas as participações realizadas pelos alunos.

A atuação do suporte técnico é mais importante nas fases de planejamento e desenvolvimento do curso. Na fase de planejamento ocorre o dimensionamento do curso, ou seja, a verificação se o servidor tem livre o espaço físico necessário para o armazenamento dos materiais previstos para as aulas e demais contribuições que, provavelmente, virão dos alunos. E na fase de desenvolvimento, é quando o *designer* instrucional efetivamente disponibiliza o funcionamento do curso com arquivos de diversos formatos (textos, apresentações, vídeos, sons, etc) e, neste momento, o suporte técnico deve cuidar para que este material possa ser visualizado corretamente pelos alunos, em outras palavras, que as configurações do servidor e dos materiais sejam compatíveis e estejam em sintonia antes do início do curso.

O Ambiente do Curso

A partir dos anos 90, os avanços tecnológicos das telecomunicações e da informática revolucionaram as formas de comunicação e interação entre as pessoas e trouxeram novas oportunidades para o uso intensivo da Educação a Distância. Conforme diz Almeida:

“A integração entre a tecnologia digital com os recursos da telecomunicação, que originou a internet, evidenciou possibilidades de ampliar o acesso à educação, embora esse uso *per si* não implique práticas mais inovadoras e não represente mudanças nas concepções de conhecimento, ensino e aprendizagem ou nos papéis do aluno e do professor. No entanto, o fato de mudar o meio em que a educação e a comunicação entre alunos e professores se realizam traz mudanças ao ensino e à aprendizagem que precisam ser compreendidas ao tempo em que se analisam as potencialidades e limitações das tecnologias e linguagens empregadas para a mediação pedagógica e a aprendizagem dos alunos” (Almeida, 2003, p.329).

Este avanço das tecnologias e as possibilidades de interação e comunicação existentes na Web propiciam o desenvolvimento de cursos *online* com extrema comunicação e interação entre professor, alunos e tutor, numa relação muito próxima à vivida nas salas de aula presenciais - como ocorre nos cursos com abordagens cooperativas e/ou colaborativas, por exemplo. Entretanto, para que seja possível criar uma relação de comunicação tão boa quanto a existente nas salas de aulas presenciais, o uso das tecnologias de rede deve ser considerado como ferramentas pedagógicas à disposição da imaginação e criatividade do professor, ou seja, o uso da tecnologia não deve ser entendido como fim, mas como meio utilizado para propiciar um aprendizado de qualidade. Como disse Dieuzeide:

“(…) para compreender o papel das NTICs na educação é preciso considerá-las como ferramentas pedagógicas (...) A abordagem ‘pela ferramenta’ nos levará a examinar essencialmente como estas técnicas são suscetíveis de serem postas a serviço dos objetivos maiores estabelecidos pela instituição educativa. Esta abordagem considera o uso da TIC em diferentes situações de aprendizagem e busca estabelecer critérios de escolha das técnicas mais apropriadas a cada situação, numa perspectiva de imaginação pedagógica e não de invenção técnica.” (Belloni apud Dieuzeide, 2001, p. 60)

Hoje existe uma grande variedade de formas de educação *online*, o que torna o processo de escolha do ambiente onde o curso será realizado uma tarefa árdua e importante. Árdua porque existem diferentes vertentes de

pesquisa e desenvolvimento do uso educacional das tecnologias de rede que, segundo Santos (2000), pode ser reunido em seis modalidades:

- Aplicações hipermídia para fornecer instrução distribuída;
- Sites educacionais;
- Sistemas de autoria para cursos a distância;
- Salas de aula virtuais
- *Frameworks* para aprendizagem cooperativa; e
- Ambientes distribuídos para aprendizagem cooperativa.

Cada uma destas modalidades possui características que estão diretamente relacionadas ao tipo de curso que será criado; do auto-instrucional, que é um tipo de curso onde o aluno interage apenas com o computador, a cursos com abordagem de aprendizagem cooperativa que preza pela máxima comunicação e interação entre os participantes. É importante conhecer – através de vivência ou pesquisa – as possibilidades de ensino-aprendizagem de cada uma destas modalidades, e seus respectivos *softwares*, e adequar a escolha do ambiente do curso à realidade e intenção educacional da instituição.

Considerações Finais

Neste artigo é apresentada parte da complexidade de gerir pedagogicamente um curso em EAD *online*. Não há aqui nenhuma pretensão em esgotar o assunto. Ao contrário, acredito que só foi possível fazer um breve relato das preocupações e incumbências que o coordenador pedagógico tem ao assumir o desafio e a responsabilidade de acompanhar o processo como um todo, da elaboração inicial à realização de um curso via internet.

Acredito também, que a EAD *online* está, ainda, numa fase inicial no Brasil e que todas as experiências de cursos que vêm sendo realizadas nos ambientes educacionais, corporativos e da educação informal em conjunto com os resultados alcançados nas pesquisas acadêmicas, devem ser estudados, analisados, discutidos, levados a sério, para que cada vez mais os cursos *online* sejam uma possibilidade real de ensino de qualidade.

Novas tecnologias surgem a toda hora e nos fascinam com seus mais diversos recursos, entretanto, não podemos deixar que esse fascínio tecnológico sobreponha o objetivo principal de um curso, o aprendizado de qualidade.

Notas de Rodapé

¹ Empresa incubada no CIETEC/IPEN/USP, especializada em soluções pedagógicas para o desenvolvimento de atividades de ensino *online*.

² Trecho retirado da apresentação realizada na palestra “O tutor em atividades de educação a distância” proferida na FATEC-SP em 2004 por Vani Moreira Kenski e Adriana Clementino.

³ Computer Based Training – curso auto-instrucional normalmente disponível em CD-ROM.

⁴ Web Based Training – assim como os CBTs, são cursos auto-instrucionais, mas estão disponíveis em um endereço eletrônico na internet.

⁵ Ambiente Virtual de Aprendizagem – são softwares desenvolvidos para simular uma sala de aula. Neles existem diversas ferramentas para comunicação entre os participantes de um curso, assim como espaço para material obrigatório, de apoio, etc. Exemplos: Teleduc, WebCT, Learning Space, Blackboard, etc.

Bibliografia

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. Educação a Distância na Internet: Abordagens e contribuição dos ambientes digitais de aprendizagem. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.29, n.2, p.327-340, jul./dez. 2003.

BARRETO, Raquel Goulart. "Tecnologias na formação de professores: o discurso do MEC". *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.29, n.2, p.271-286, jul./dez. 2003

BELLONI, Maria Luiza. *Educação a Distância*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001. 115p. (Educação Contemporânea).

FILATRO, Andréa. *Design Instrucional Contextualizado: educação e tecnologia*. São Paulo: Senac, 2004. 215p.

KENSKI, Vani. *Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância*. Campinas, SP: Papirus, 2003 157p. (Série Prática Pedagógica).

PALLOFF, Rena M. e PRATT, Keith. *Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço: Estratégias eficientes para salas de aula on-line*. Tradução por Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2002. 248p.

PERRENOUD, Philippe. *Dez Novas Competências para Ensinar: Convite à viagem*. Tradução por Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. 192p.

SANTOS, Neide. *O estado da arte em espaços virtuais de ensino e aprendizagem*. Jun./2000. Disponível em <<http://www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/nr4/070TU-santos.htm>>. Acesso em: 05 abr. 2005.

SILVA, Marco (org.). *Educação online*. São Paulo: Loyola, 2003. 512p.